



ANTÔNIO MENEGHETTI FACULDADE

MBA

TEORIA DO CONHECIMENTO E PARADIGMA ONTOPSICOLÓGICO

JOSÉ ALFREDO NEDEL FILHO

O INCONSCIENTE HUMANO – ENSAIO HISTÓRICO

RESTINGA SECA

2014

JOSÉ ALFREDO NEDEL FILHO

MBA

TEORIA DO CONHECIMENTO E PARADIGMA ONTOPSICOLÓGICO

Trabalho de Conclusão de Curso, para
obtenção do título de MBA, da AMF –
Antonio Meneghetti Faculdade.

Orientador: Prof. Ângelo Accorsi

Restinga Seca
2014

JOSÉ ALFREDO NEDEL FILHO

MBA

TEORIA DO CONHECIMENTO E PARADIGMA ONTOPSICOLÓGICO

Trabalho de Conclusão de Curso, para obtenção do título de MBA, da AMF – Antonio Meneghetti Faculdade.

Banca Examinadora:

Dr. Ângelo Accorsi

Dr. Horácio Shiguero Chikota

Dra. Josiane Barbieri

Conceito:

Restinga Seca, 20 de agosto de 2014.

DEDICATÓRIA

Ao professor Antonio Meneghetti e ao
local Recanto Maestro.

AGRADECIMENTO

Ao professor e mestre Ângelo Accorsi.

RESUMO

O inconsciente humano é o que existe de mais enigmático em cada um de nós, mais complexo e ao mesmo tempo Meneghetti o posiciona como a fonte do saber, de como a natureza nos fez, e qual o projeto que está em cada um de nós.

O inconsciente presente no ser humano que habita o planeta terra é uma realidade que faz história, que programa a vida material, social e espiritual do sujeito, sem que a sua consciência tenha conhecimento.

Os percursos histórico da palavra inconsciente vem inicialmente com os pensadores, os filósofos, onde um divisor de águas foi com Auguste Comte, para quem o positivismo está baseado exclusivamente em fatos objetivamente observáveis e indiscutíveis. Para o Positivismo, tudo o que tiver por natureza especulativa, inferencial ou metafísica é rejeitado como ilusório. O Positivismo tem suas origens no mecanicismo de Rene Descartes, que divide as funções do organismo: mente é para pensar e o corpo para todo o resto.

Os filósofos, principalmente os alemães, se opuseram a racionalidade do positivismo e colocaram como inconsciente aquilo que a consciência não percebe.

Freud, é um médico que percebe a existência de uma dinâmica inconsciente, a qual nossa consciência não percebe. Cria três instâncias para a psique humana: o Id, o Ego e o Superego. Freud tem o grande mérito de ter pesquisado a mente humana fora do método científico, trabalhou basicamente em atividade e pesquisa clínica. Foi muito criticado por suas teorias não se encaixarem no método científico. Sua pesquisa foi em clínica.

Antonio Meneghetti, em dez anos de pesquisa clínica, de 14 horas diárias, fez três descobertas: campo semântico, monitor de deflexão e Em Si ôntico.

Meneghetti, pelas suas descobertas, passa a ver a máquina operando na mente humana, um aparato mecânico especular que gera o inconsciente.

Freud pesquisou o inconsciente entre os doentes, percebendo uma dinâmica que age e determina o indivíduo, sem que a consciência saiba. Para ele o inconsciente é originário de um trauma sofrido, principalmente na infância, que ocasiona o recalque ou remoção deste fato. A resolução do inconsciente é a associação de ideias, onde por análise no divã se torna consciente aquele fato e os sintomas desaparecem. O inconsciente era considerado algo tenebroso, perigoso, poço de morcegos. Meneghetti percebe o inconsciente como positivo, apenas como não sabido, impedida que está a consciência de perceber toda a realidade que a cerca, devido o monitor de deflexão agir constantemente.

Palavras-chave:

Inconsciente – Freud - Meneghetti.

ABSTRACT

The human unconscious is what is most puzzling in each of us, more complex while Meneghetti positions it as the source of knowledge of how nature made us each one, and which project is in each of us.

The unconscious present in humans that inhabit planet earth is a reality that makes history, that program material, social and spiritual life of the individual, without your consciousness becomes aware.

The historical route of the word unconscious initially comes with the thinkers, philosophers, which was a watershed with Auguste Comte, who positivism is based solely on objectively observable and indisputable facts. For positivism, everything has a speculative, inferential or metaphysical nature is rejected as illusory. Positivism has its origins in the mechanism of Rene Descartes, which divides the functions of the body: mind is to think and the body for the rest.

Philosophers, especially the Germans, opposed the rationality of positivism and put unconscious as that which consciousness does not realize.

Freud, is a physician who perceives the existence of a dynamic unconscious, which our consciousness does not realize. Creates three instances to the human psyche: the Id, the Ego and the Superego. Freud has the great merit of having researched the human mind out of the scientific method, worked primarily in activity and clinical research. Was widely criticized for his theories do not fit the scientific method. His research was in clinic.

Antonio Meneghetti, in ten years of clinical research, 14 hours a day, made three discoveries: semantic field, deflection monitor and ontic In Sé.

Meneghetti, for their discoveries, comes to see the machine working in the human mind, a mechanical apparatus speculate that generates the unconscious.

Freud researched the unconscious among patients, realizing a dynamic that acts and determines the individual without that consciousness knows. For him unconscious originates from a trauma, especially in childhood, which causes the discharge or removal of this fact. The resolution of the unconscious is the association of ideas, which by analysis on the couch becomes aware of that fact and the symptoms disappear. The unconscious was considered something dark, dangerous, pit bats. Meneghetti unconscious perceives as positive, just not as well known, it is prevented awareness of perceiving reality that all about, because the act constantly monitor deflection.

Keywords:

Unconscious - Freud - Meneghetti.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Metáfora do Iceberg utilizada por Freud para descrever o funcionamento mental, onde o processamento consciente é comparado à superfície visível e o processamento inconsciente equivale a maior parte oculta sob a superfície	34
Figura 2 – “O universo comunicativo do homem”	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 METODOLOGIA	14
2 O INCONSCIENTE PARA OS FILÓSOFOS E PENSADORES.....	15
2.1 RENÉ DESCARTES (1596-1650 – Descartes/França)	16
2.2 IMMANUEL KANT (1724-1804 – Königsberg/Alemanha)	17
2.3 ARTHUR SCHOPENHAUER (1788-1860 – Gdansk/Polônia).....	18
2.4 CARL GUSTAV CARUS (1789-1869 – Leipzig/Alemanha.....	18
2.5 KARL ROBERT EDUARD VON HARTMANN (1842-1906 – Berlim/Alemanha	18
2.6 FRANZ BRENTANO (1838-1917 – Marienberg em Rhein/ Alemanha)	19
2.7 HENRI BERGSON (1839-1941 – Paris/França).....	20
3 O INCONSCIENTE PARA A MEDICINA DO SÉCULO XIX.....	22
4 O INCONSCIENTE PARA A PSICOLOGIA	25
4.1 SIGMUND FREUD (1856-1939 – Freiberg In Mahren/Áustria)	25
4.2 GEORG GRODDEK (1866-1938 - Bad Kösen/Alemanha)	29
4.3 C.G. JUNG (1875-1961 – Kesswil/Suíça)	30
4.4 INCONSCIENTE EM JACQUES LACAN (1901-1981 – Paris/França.....	31
4.5 DANIEL LAGACHE (1903-1972 – França).....	33
4.6 PSICOLOGIA COGNITIVA	33
5 INCONSCIENTE NOS FENÔMENOS CULTURAIS	35
6 O INCONSCIENTE PARA A ONTOPSICOLOGIA	37
6.1 INCONSCIENTE DO EM SI ÔNTICO	37
6.2 INCONSCIENTE RELACIONAL – CAMPO SEMÂNTICO	39
6.3 O MONITOR DE DEFLEXÃO	41
6.3.1 Efeitos do Monitor de Deflexão	42
DISCUSSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	48
ANEXOS (Organograma das Percepções).....	49

INTRODUÇÃO

O inconsciente humano, que é resultado da incapacidade da consciência de perceber a realidade que cerca a existência do homem, é o grande desafio da psicologia. Vemos o desenvolvimento tecnológico enorme em que a sociedade mundial vive no momento e a grande produção de bens materiais. Por outro lado, a proliferação da violência, a discórdia entre os povos, a deformação do próprio corpo etc. O fenômeno da auto sabotagem, onde a pessoa inconscientemente age contra si mesma, se origina da consciência não perceber a realidade que a cerca, é a prova de que existe algo de errado com o comportamento humano. Percebe-se uma insatisfação, uma angústia generalizada dos povos. Existe um domínio sobre a tecnologia e sobre os bens de produção, mas um não saber sobre o próprio homem, uma falta enorme de realização humanista. Os humanos não se compreendem entre si. Formam-se grupos antagônicos em todas as nações, capazes de auto-destruição.

No mundo científico, médico, filosófico, psicológico, se sabe que apenas 10 a 20% dos nossos atos são conscientes. Quer dizer que 80 a 90% das nossas escolhas são feitas de forma não consciente. Escolhemos amizades, parcerias comerciais, amores, afetos, a comida, as roupas, alheios ao mundo da vida, da realidade.

Como afirma o neurocientista cognitivo: “a mais valiosa contribuição de Freud foi a descoberta de que a mente consciente é simplesmente uma fachada e de que você é completamente inconsciente de 90% do que realmente se passa em seu cérebro” (CALEGARO, 2011, p. 26).

Um grande inconsciente que enfrentamos hoje é o da palavra pela palavra, presente na mídia escrita, falada e televisada. São palavras no vazio. É a palavra que não representa o objeto, sem um sentido de ação que seja útil e funcional para a pessoa que a escuta.

A mídia atual é uma repetição mecanicista. Dialogamos com uma máquina, em um monólogo opinativo, onde não existe interesse do assistente ou ouvinte naquela informação, e a grande maioria não se dará conta jamais. A nossa consciência é um depósito de informações alheias, externas, que não servem para realizar bem a vida.

A consciência, enquanto intencional, traz em si os caracteres de espaço e da temporalidade. A consciência está submetida e nasce em solo afetivo, a mãe, a família, que condicionam a criança a percepção do ambiente familiar e social. A consciência de cada um, o eu pessoal, se constitui basicamente no bojo familiar e social e a internalizar este como sua realidade objetiva. E o eu lógico histórico decide baseado no conteúdo consciente, num banco de memórias individuais e familiares.

O modo como nasce a consciência individual destrói a ilusão que a racionalidade humana, o método indutivo/dedutivo, que nos vem do filósofo Aristóteles, seja capaz de dar conhecimento total da realidade em que o homem vive, que o cerca no planeta terra. A conscientização de toda a realidade proprioceptiva possibilita a este construir uma história vencedora em base a sua verdade última. É um campo de lutas, contradições, difícil, mas decisivo. A história do ser humano, em busca da sua verdade, não é fácil, mas possível a partir da resolução do inconsciente, da conscientização completa de si mesmo e de sua realidade.

Da resolução do inconsciente, tornar consciente ao eu lógico histórico, toda a verdade da alma do sujeito, a intencionalidade do Em Si ôntico, qual a sua preferência nesta existência e onde a mesma se encontra impedida, é o máximo de trabalho e esforço de cada pessoa que deseja ter uma vida prazerosa, que queira o encontro da sua existência com o ser.

O inconsciente humano presente em cada indivíduo que habita o planeta terra, com raríssimas exceções, é a causa principal do sofrer que se verifica na humanidade que se colhe em dor, angústia constante, guerras e desavenças. O sujeito que não tem consciência de si mesmo, busca na fé, nos dogmas, religiões, uma compensação.

O máximo de trabalho que podemos fazer a nós mesmos é a busca incessante da descoberta lenta e gradual do nosso inconsciente. Fora deste trabalho, não existe a resolução de nós mesmos. Podemos vencer no Ter, que é essencial, mas não basta, temos que buscar o Ser.

Prestando atenção na nossa civilização atual, as diversas etnias que habitam o planeta terra, percebemos um grande número de culturas diferentes, cerca de 3.000 hábitos diversos, credos etc., mas nenhuma cultura apresenta uma solução satisfatória ao humano. A norma é um total desconhecimento das causas que agem, e que levam o homem a um sofrer e a um não saber. O humano é um eterno desconhecido a si mesmo. Age, decide, julga, sem perceber esta dinâmica inconsciente que o move, que o angustia e o leva a dor.

Outra característica que se observa é que sempre culpamos alguém ou alguma coisa externa para nossos erros e dificuldades. Jamais admitimos, como norma, erros individuais, internos, culpamos o banco, a crise, os filhos, a mulher, o marido etc.

Jamais verificamos a nós mesmos. Não conseguimos perceber o erro interno. Cometemos o erro porque somos induzidos pela atividade constante do monitor de deflexão, a escolher erradamente.

Freud foi um pesquisador que teve o mérito de estudar a dinâmica inconsciente no ser humano, principalmente nos doentes neuróticos, que apresentavam sintomas de doença mental.

Até Freud, o inconsciente tinha uma concepção metafísica para os filósofos ou somatopsíquica para os médicos. Era uma visão mecanicista, contudo Freud percebeu que no inconsciente havia uma dinâmica. Freud contrariou o método científico e usou a experiência clínica.

Meneghetti, a partir das três descobertas feitas: o campo semântico, o monitor de deflexão e o Em Si ôntico, concebe o inconsciente de maneira diversa do que se sabia até Freud, inclusive. Aponta uma causa externa que origina o inconsciente no humano, que até então nenhum cientista havia percebido.

O inconsciente é uma realidade psíquica, da qual a consciência humana não se apercebe, não se apodera. O indivíduo não se apercebe que seus pensamentos e decisões vão em um sentido, mas a dinâmica da realidade vai em outro. Não nos damos conta que nossos pensamentos são operantes de realidade.

A existência do inconsciente, do qual faremos um percurso histórico no transcórre deste trabalho, coloca em checagem a parcialidade do nosso sistema de racionalidade. Através deste sistema, o eu (consciência) não percebe toda a realidade externa e interna, e comete erros de toda sorte no momento que decide, tais como: se apossa do objeto impróprio, sente a experiência do medo e da angústia, fica em dúvida, se sente culpado por escolher mal, se dá conta que apesar de ser intencional, sua intenção nem sempre é adequada a situação espaço/temporal. O que o homem escolhe não é útil nem funcional a sua identidade. Sentimos o estresse, a desorientação no dia-a-dia, o medo, a insegurança etc.

Apesar do enorme orgulho que sentimos de nós mesmos, do nosso modo de ser e pensar, considerado por nós como o máximo possível, absolutizando - , os resultados não confirmam as nossas certezas, vamos muitas vezes em regressão, em dor. O inferno é vivido quase que diariamente pelo ser humano. Somos condicionados continuamente e vivemos a experiência da dor, do sofrer, a falência afetiva, econômica etc., sem saber a causa destes eventos. Sofremos os efeitos, mas não sabemos a causa. Pode-se dizer, detestamos os efeitos de nossos atos, mas amamos as causas que deram origem àqueles efeitos.

A realidade psíquica é o conjunto de atividades do pensamento que cansam o físico.

O estado atual de conhecimentos adquiridos sobre o homem parece repleto de lacunas. Devemos, porém, perguntar, com relação a esta questão específica “que é ou quem é o homem?”, se esta lacuna não constitui, em última análise, a sua essência. Se não foi a tentativa de explicar o homem como um dado ou uma realidade acabada e por isso delimitável, definível, objetivável, que fez com que as “respostas” apresentadas fracassassem em suas tentativas. Lemos em Heidegger um diagnóstico muito pertinente: “Nenhuma época acumulou sobre o homem conhecimentos tão numerosos e diversos como a nossa. Nenhuma época conseguiu apresentar seu conhecimento sobre o homem de um modo que nos afetasse tanto. Nenhuma época conseguiu tornar este conhecimento tão pronta e facilmente acessível. Nenhuma época, porém, soube menos o que é o homem. Em época alguma o homem pareceu tão misterioso.” (NOGUEIRA, 1978, p. 6).

1 METODOLOGIA

Revisão bibliográfica em livros, visando evidenciar como foi a concepção do inconsciente em diversas épocas e diversos autores.

A revisão que fizemos foi cronológica temporal, iniciando por volta do século XIX.

Preferimos nos referir a tempos atuais para ter a visão atualizada dos dados e buscar com isso uma evidência do assunto, para o nosso tempo.

Até Meneghetti se estudou os fenômenos que originam a partir da inconsciência humana, sem nunca se apontar a causa. A consciência era considerada sem erros, e o pesquisador ou cientista, possuidor de conhecimentos, de um saber, sem erros de consciência.

A importância deste trabalho em termos acadêmicos se dá em função de que o inconsciente humano é o que há de mais enigmático no ser humano.

Neste ensaio sobre o inconsciente pesquisamos os últimos 400 anos, do que se conhece sobre este assunto. Não esgotamos o tema, mas colocamos um foco no “Inconsciente Humano”.

Em termos de repercussão social, o inconsciente humano é o caminho para resolver o indivíduo. Sem a solução de tornar consciente todo o inconsciente humano, a sociedade estará doente como também o indivíduo.

Para o autor foi uma oportunidade de estudar o assunto e aumentar seu conhecimento sobre o tema, envolvendo o investimento de muitas horas em estudo e de inquietações. É muito complexo, enigmático e é a fonte de informações do mundo da vida.

A motivação para este trabalho sobre o inconsciente está em que:

- a) Psicoterapia só faz sentido enquanto houver conteúdo inconsciente no humano;
- b) Estudar algo que tenha valor para a grande vida.

2 O INCONSCIENTE PARA FILÓSOFOS E PENSADORES

O filósofo francês René Descartes (1596-1650), era um encantado pelo mecanicismo predominante em sua época, quando o relógio era o ponto máximo. Se considerava o corpo humano como mecânico e poderia ser estudado com os mesmos métodos experimentais e quantitativos do relógio. Haviam, na época, controvérsias em torno do problema mente-corpo.

A teoria de Descartes era que a mente é imaterial, não tem substância física, mas é provida de capacidade, pensamento e processos cognitivos. Desta maneira, fornece aos humanos informações a respeito do mundo exterior. Do mesmo modo, o corpo influencia a mente. O filósofo localizou como a sede da mente no corpo, o corpo pineal¹, pois este é um só no cérebro, não está aos pares.

Foi René Descartes que cria a dualidade, o mecanicismo entre mente e corpo, ou seja, o materialismo. Antes de Descartes, se pensava que a mente podia exercer enorme influência sobre o corpo e este muito pouco sobre a mente. Ele adere ao mecanicismo e a dualidade entre mente e corpo. Para ele, a mente tem a função de pensar e tão somente isso, e todos os outros processos são funções do corpo. A influência do corpo e da mente são parecidos um sobre o outro. O mecanicismo foi o fundamento filosófico em que o universo era visto como uma grande máquina e que os processos naturais mecânicos eram passíveis de explicação por meio das leis da física e da química.

O relógio foi considerado na época como a máquina padrão, inclusive como status da classe dominante. Foi considerado uma das maiores invenções de todas as épocas. Usava-se o relógio pendurado no pescoço para dar status. Os religiosos usavam os relógios no bolso no sentido de protesto.

Para a época de René Descartes, o universo passou a ser considerado um grande relógio. Assim como o relojoeiro construiu a máquina no relógio, Deus construiu a regularidade mecânica no universo. O mecanicismo abandonava as crenças religiosas e dogmáticas da construção do universo. Assim como o relógio podia se desmontar em diversas partes, para compreender cada parte em si e por si, e como se podia montar cada peça em certa ordem lógica, também o universo podia ser conhecido desdobrando-o em partes.

Os filósofos pós kantianos, eram críticos da racionalidade e do método científico.

¹ A **epifase neural, glândula pineal** ou simplesmente **pineal** é uma pequena glândula endócrina localizada perto do centro do cérebro, entre os dois hemisférios, acima do aqueduto de Sylvius e abaixo do bordelete do corpo caloso, na parte anterior e superior dos folículos superiores e na parte posterior do terceiro ventrículo. Está presa por diversos pêndulos (pendúnculos anteriores – habênulas -, médios e inferiores) sendo que todos esses pendúnculos se irão inserir no tálamo ótico. Apesar das funções desta glândula serem muito discutidas, parece não haver dúvidas quanto ao importante papel que ela exerce na regulação dos chamados ciclos circadianos, que são os ciclos vitais (principalmente o sono) e no controle das atividades sexuais e de reprodução.

2.1 RENÉ DESCARTES (1596-1650 – Descartes/França)

Este filósofo, deu importância a interação entre mente e corpo. Localizou na glândula pineal ou *canarium*, a sede onde alma ou mente e o corpo fazem a interação. Para ele a alma estava em todo o corpo, mas a interação ocorre na glândula pineal por ser única, os demais órgãos estão em duplicidade na mente. Para ele seria na pineal onde a mente através do pneuma psíquico produz sensações e onde o corpo com seus movimentos de fluxo sanguíneo produziria fenômenos de qualidade mental.

No segundo século, um proeminente médico grego, Galen de Pargamum foi o primeiro a descrever a glândula pineal. Ele disse que sua função era apoiar os vasos sanguíneos, assim como fazem as outras glândulas.

Ele descartou o pensamento predominante de sua época ao descrever: alguns pensaram que o corpo pineal regulava a passagem do pneuma psíquico (um material tratado como o veículo da sensação) de forma a fazer que o esôfago regule o caminho do alimento até o estômago. A opinião de Galen permaneceu praticamente sem contestação por muitos séculos.

Descartes a viu como a origem do pensamento. Disse que ela é a única parte do cérebro que é única, pois não se repete dentro do cérebro. Disse também que deve ser o lugar onde toda a informação é centralizada, um lugar em que a nossa consciência pode processar informações, e da qual nossa consciência pode enviar todas as mensagens para o resto do cérebro e do corpo.

Com a forma de pinha (ou de grão), é considerada por correntes religioso-filosóficas como um terceiro olho devido à sua semelhança estrutural com o órgão visual. Localizada no centro geográfico do cérebro. A pineal é diferente em cada humano em sua constituição biológica, os demais órgãos são parecidos.

Os defensores destas capacidades transcendentais deste órgão, consideram-no como uma antena. A glândula pineal tem na sua constituição cristais de apatita. Segundo esta teoria, estes cristais vibram conforme as ondas eletromagnéticas que captam, o que explicaria a regulação do ciclo menstrual conforme as fases da lua, ou a orientação de uma andorinha em suas migrações. No ser humano, seria capaz de interagir com outras áreas do cérebro como o córtex cerebral, por exemplo, que seria capaz de decodificar essas informações. Já nos outros animais, essa interação seria menos desenvolvida. Esta teoria pretende explicar fenômenos paranormais como a clarividência, a telepatia e a mediunidade.

Para os espíritas é a pineal que capta as ordens de comando rítmicos, é a pineal que nos conecta com a biosfera e recebe ondas magnéticas e que transforma em neuroquímica.

O Dr. Sérgio Oliveira, médico e médium, é um grande estudioso da pineal e é hoje um dos grandes expoentes deste assunto, tendo feito tese de mestrado no assunto.

Em algumas filosofias orientais, o corpo pineal se alinha com a localização do chacra coronário, um ponto-chave para uma consciência de alto nível e iluminação, ou a compreensão de reinos mais elevados.

Muitos têm associado o corpo pineal com o terceiro olho conhecido por religiões e práticas espirituais durante milênios.

Nos anos de 1950, cientistas descobriram que a glândula pineal, que achavam ser vestigial, tem uma função de percepção. Ela percebe a luz e produz melatonina.

A melatonina é uma substância que influencia a reprodução e o sistema imunológico, além de ser um antioxidante, o que significa que pode ser eficaz na luta contra o câncer e em reduzir os efeitos do envelhecimento. A glândula pineal produz melatonina em ambientes com luz e interrompe a sua produção em ambientes escuros.

Alguns têm ligado a função da glândula pineal neste assunto, com o entendimento de que a glândula pineal seja o centro de controle do cérebro. Ela processa informação externa e controla os ritmos importantes do corpo.

Assim como em muitas outras partes do corpo humano, o conhecimento sobre a glândula pineal é muito pequeno.

2.2 IMMANUEL KANT (1724-1804 – Königsberg/Alemanha)

Foi o filósofo que mais influenciou a ciência, que possibilitou, com suas teorias, que se estabelecesse o racionalismo dentro das ciências.

O seu livro “Crítica da Razão Pura” é um importante texto da atualidade e muito lido. A teoria de Kant é que o homem não pode conhecer o objeto em si, mas apenas a relação entre o objeto e o sujeito do conhecimento (relativismo).

Para ele, não temos como conhecer o mundo como ele é em si, mas podemos saber bastante coisas com certeza, sobre o mundo como ele nos aparece, como se relaciona a nós, como nossa consciência registra.

Para Immanuel Kant, a consciência (razão) era exata, e era ela que deveria fazer o conhecimento do objeto para o pesquisador. O seu pensamento é ainda a base da ciência e da pesquisa contemporânea que nós vivenciamos.

2.3 ARTHUR SCHOPENHAUER (1788-1860 – Gdansk/Polônia)

É um filósofo, percebe que o intelecto (consciência) nem sempre percebe toda a realidade e que pode ignorar os motivos verdadeiros de suas ações.

Ele não explica como isto ocorre, se dá conta que a força da natureza (vontade) é superior ao intelecto (consciência) e que existe um descompasso entre ambos.

Ele não conclui, não explica, não consegue demonstrar a causa.

O intelecto, para Schopenhauer, pode ignorar os motivos verdadeiros de suas ações (inconsciente). Para ele, a vontade eram as aspirações e paixões e o homem se experimenta como um ser movido pela vontade, normalmente inconscientes ao intelecto.

2.4 CARL-GUSTAV CARUS (1789-1869 – Leipzig/Alemanha)

Para o filósofo, o inconsciente é um princípio divino que se antecede ao todo e tudo cria, e que nós conhecemos por natureza (= divino). Este princípio divino é que preside a organização do mundo, a nossa vida orgânica e a nossa vida espiritual.

O filósofo deixa muito claro o que entende por inconsciente. Ele tenta explicar o porque (a causa) da consciência não registrar toda a realidade existente. Determinado assunto era consciente mas temporariamente se tornou inconsciente.

Para Carus, o inconsciente é criador do mundo, elemento ativo e cego. Para ele, o inconsciente é o incondicionado, o que não se pode explicar por nenhuma relação, é o absoluto.

2.5 KARL ROBERT EDUARD VON HARTMANN (1842-1906 – Berlim/Alemanha)

Hartmann escreveu o livro *Filosofia do Inconsciente* (1869). Trata-se de uma especulação metafísica. Para ele o inconsciente representa a alma. Ele concebe o inconsciente na vida corporal e o inconsciente do espírito humano.

O inconsciente na vida orgânica para ele é: “O organismo é inexplicável como simples mecanismo, existe um psiquismo do organismo que é o inconsciente”(FILLOW, 1961, p. 15).

Para Hartmann “uma providência individual vive em cada um de nós, na origem dos próprios fenômenos fisiológicos”(FILLOW, 1961, p. 15).

Percebe que o sonho é produzido pelo inconsciente e chega a consciência como fruto do matrimônio entre consciente e inconsciente, sendo fruto da dupla existência da alma, ao mesmo tempo consciente e inconsciente.

O sistema de Von Hartmann, enfim (Filosofia do Inconsciente, 1869), é, antes de tudo, uma especulação metafísica. Trata-se de uma espécie de panteísmo hegeliano, no qual o inconsciente representa a alma universal, o Uno Todo que traz, ao seio da natureza, uma lógica imanente.

Hartmann teve, na verdade, o mérito de distinguir de maneira clara o inconsciente na vida corporal e o inconsciente no espírito humano. Ele representa o primeiro como a alma que dirige a finalidade orgânica: o organismo, diz ele, é inexplicável como simples mecanismo; há um psiquismo do organismo que é inconsciente. Os reflexos, por exemplo, são movimentos de reação “cuja produção as leis gerais da matéria não são suficientes para explicar... o princípio interior de um reflexo não pode ser senão um princípio espiritual e inconsciente”. O instinto, igualmente, apresenta uma finalidade inconsciente; ele é uma “atividade que visa um objetivo sem ter consciência disso”. A nutrição supõe da mesma forma a ação dirigente de um princípio psíquico: “Posto que, diz Hartmann, nenhuma explicação materialista pode elucidar a causa dessa mudança tão inteligente, temos que convir na intervenção inteligente de uma vontade inteligente...”. Em resumo, uma providência individual vive em cada um de nós, na origem dos próprios fenômenos fisiológicos (FOLLOW, 1961, p. 16).

2.6 FRANZ BRENTANO (1838-1917 - Marienberg am Rhein/Alemanha)

A filosofia de Brentano era nitidamente empírica em seus métodos e princípios. Para ele era importante os atos e os processos psíquicos.

Brentano foi filósofo e trabalhou bastante com psicologia e para ele era a ciência dos fenômenos psíquicos (sinônimo para ele de consciência). Seu livro mais famoso é a *Psicologia do Ponto de Vista Empírico*, publicado em 1874.

No ramo da psicologia, Brentano é o precursor da Filosofia da Gestalt e da Humanista. Para Brentano, o principal método é o da observação e não da experimentação. Para ele era mais importante é o ato mental de ver, em vez do conteúdo mental daquilo que é visto.

Um exemplo de ato mental e conteúdo mental: uma rosa vermelha. Conteúdo mental: vermelho é uma qualidade física; ato mental: cor vermelha é um processo mental da consciência.

Brentano foi professor de Sigmund Freud e de Edmund Husserl.

Como filósofo, Brentano recupera da Escolástica o termo de intencionalidade da consciência. A intencionalidade para Brentano distingue a propriedade do fenômeno mental: este deve ser necessariamente dirigido para um objeto, seja real ou imaginário.

O ato mental para Brentano é sempre intencional. O seu aluno, Edmund Husserl depois vai definir que a consciência é sempre intencional.

Franz Brentano, em sua obra *Psicologia do Ponto de Vista Empírico* (1874), descreve a intencionalidade como uma característica de todos os atos de consciência, fenômenos

“psíquico” ou “mental”, pelo qual ele poderia ser separado dos fenômenos “físico” ou “natural”.

Podemos definir intencionalmente como os fenômenos mentais como aqueles que contêm um objeto intencional dentro de si. Nenhum fenômeno físico apresenta nada parecido com esta intencionalidade que aparece nos fenômenos mentais.

Todo fenômeno mental é caracterizado por aquilo que os escolásticos da Idade Média chamaram a “in-existência” intencional (ou mental) de um objeto. Todo o fenômeno mental inclui algo em si como objeto. Ex.: no ódio odiado, no amor amado, no desejo desejado, etc.

2.7 HENRI BERGSON (1859-1941 – Paris/França)

Para este filósofo, o inconsciente no humano era o mundo da intuição que ele assim conceituava: “A intuição é uma forma de conhecimento que penetra no interior do objeto de modo imediato, isto é, sem o ato de analisar e traduzir.”

Bergson foi o expoente da linha de filosofia intuicionista, assim chamada porque afirma constituir o verdadeiro conhecimento não nos conceitos abstratos, do intelecto racionalmente, mas na apreensão imediata, na intuição, como é evidenciado pela experiência anterior.

Segundo o filósofo, há dois caminhos para conhecer o objeto, duas formas de conhecimento, diversas e de valores desiguais: mediante o conceito e mediante a intuição.

A forma mediante o conceito é o caminho dos conceitos, dos juízos, silogismos, análise e síntese, dedução e indução; a segunda forma é o da intuição imediata que nos proporciona o conhecimento intrínseco, concreto, absoluto.

Bergson conceitua a intuição como a faculdade suprema do impulso vital (*élan vital*) e faculdade cognoscitiva do filósofo. Segundo o filósofo:

hoje, só raramente e com grande esforço, podemos chegar à intuição; no entanto a humanidade chegará um dia a desenvolver a intuição de tal modo que será a faculdade ordinária para conhecer as coisas. Então, desaparecerão todas as escolas filosóficas e haverá uma só filosofia verdadeira conhecedora da verdade e do ser absoluto (SCHULTZ & SCHULTZ, 1995, p. 112)

Para Bergson a consciência é para a ação, para executar o que percebe a intuição. Para ele a intuição era inconsciente.

Conclusões: A filosofia europeia se opôs ao mecanismo da ciência da época, ao positivismo de Comte, e valorizou de maneira significativa o inconsciente, até mesmo no organismo.

Os filósofos pós-kantianos influenciaram de maneira decisiva sobre Freud, tanto que alguns termos deles o cientista austríaco utilizou, tais como, pré-consciente de Carus.

Os filósofos concebem o inconsciente como uma especulação metafísica, na qual o inconsciente representa a alma universal, tendo esta uma lógica imanente.

3 O INCONSCIENTE PARA A MEDICINA DO SÉCULO XIX

No século XIX, na França principalmente, a medicina se interessa pelos doentes mentais que antes eram presos por insanidade mental, e a superstição religiosa de que os doentes mentais eram possuídos pelo demônio, deu lugar a investigação científica das causas das doenças mentais. Os tratamentos oferecidos eram muito primitivos e em muitos casos causavam mais sofrimento do que as perturbações que pretendiam curar.

Nesta época, as cadeias que prendiam as pessoas consideradas insanas foram literalmente quebradas e se abriu os manicômios para internar os loucos e doentes mentais.

Os filósofos desta época, como Hartmann, colocam o psiquismo inconsciente presente na atividade fisiológica ou orgânica do corpo. A medicina via as doenças mentais dentro do espírito mecanicista e achavam que as causas eram somáticas, tais como causas físicas, lesões cerebrais, nervos contraídos ou pouca estimulação dos nervos. As pessoas nesta época também eram chamadas de doentes dos nervos. A escola somática prevalecia na medicina nos anos de 1.700 a 1.800, na psiquiatria a escola somática em detrimento da escola psíquica. A escola somática enfatizava causas físicas e má formação dos nervos, a escola psíquica atribuía a doença mental ou doença dos nervos, a distúrbios emocionais. O filósofo Kant zombava da ideia de que emoções causassem distúrbios mentais.

Naquela época a hipnose não tinha aceitação no meio médico e era considerado por eles como charlatanismo, mas o público leigo aceitava a hipnose e fazia dela uma espécie de jogo de diversão.

O médico francês Jean Charcot (1825-1893), que depois veio a ser professor de Freud, foi chefe do hospital em Paris para insanos, a clínica neurológica Salpêtrière. Ele tratava algumas mulheres histéricas com relativo sucesso. Ele percebeu que na pessoa sob hipnose, muitos dos sintomas da histeria desapareciam. Charcot era neurólogo, e enfatizava distúrbios e sintomas físicos como a paralisia. A melhora nos clientes atribuía a técnica da hipnose. Freud percebeu, como aluno de Charcot, que a histeria nas mulheres era de fundo psíquico emocional, pois melhoravam com a hipnose.

A medicina francesa continuou atribuindo à histeria causas somáticas até o ano de 1889, quando um aluno de Charcot assume o hospital psiquiátrico de Salpêtrière, o médico Pierre Janet (1859-1947). Janet passa a considerar a histeria não mais como um problema físico, mas sim um distúrbio mental.

O método clínico que Janet utilizava para curar os pacientes portadores de histeria era a regressão sob hipnose.

Para Janet, no campo das doenças mentais, é importante no paciente portador da histeria a ideia fixa subconsciente, que é a fenomenologia que aparece nas histéricas. Esta ideia é carregada de uma emoção congelada que escapa à consciência, tendo como origem provável um acontecimento traumatizante ou atemorizante cuja lembrança se tornou subconsciente ou foi substituída por sintomas. São na verdade imagens – lembranças ou representações carregadas de emoções.

A França foi antes de Freud o grande referencial médico, com trabalhos para resolver os problemas de histeria. Charcot e Janet são os grandes nomes no hospital para insanos de Paris. Janet explica que a dissociação da consciência é a origem comum para existirem as manifestações inconscientes dos distúrbios mentais, assim que a consciência pessoal deixa escapar diversos processos psicológicos. Para ele, se a saúde psicológica for boa, a consciência tem capacidade para coordenar de forma que todos os processos mentais apareçam na mente. Quando não existe saúde mental perfeita, uma desagregação se produz. Neste caso, os automatismos são libertados, a memória inconsciente revela-se e age.

Janet, em suas obras “O Automatismo Psicológico, O Estado Mental dos Histéricos e Neuroses e Ideias Fixas”, dá mais importância aos fenômenos inconscientes que aparecem nos histéricos.

Esta estreiteza do campo da consciência não é senão uma manifestação de esgotamento geral do cérebro que muitas vezes se tem admitido: é uma fraqueza moral particular consistindo na impotência que apresenta o indivíduo fraco de reunir, de condensar seus fenômenos psicológicos, de os assimilar à sua personalidade (FILLOUX, 1960, p. 30).

Para Pierre Janet, existem várias operações, materiais ou mentais, subtraídas da consciência, que baseadas em sua experiência, geram o inconsciente. Por exemplo:

- Atos habituais e escrita automática;
- Sonambulismo;
- Memórias falsas;
- Distração;
- Ideia fixa que não tem a ver com a pessoa.

Josef Breuer (1842-1925) foi um médico austríaco que trabalhou a relação sintomas neuróticos e o inconsciente. Para ele, havia uma relação direta entre inconsciente e o sintoma de distúrbio mental. Diz Breuer: “todas as vezes que nos achamos ante um sintoma, devemos concluir pela existência no doente de certos processos inconscientes que contém precisamente o sentido desse sintoma”.

Para Breuer, os processos conscientes não geram problemas neuróticos e também desde que os processos inconscientes se tornem conscientes, os sintomas desaparecem.

Outra descoberta de Breuer, descoberta que acho ainda mais importante que a primeira e que ele fez sem nenhuma colaboração, ensina-nos mais coisas sobre as relações entre o inconsciente e os sintomas neuróticos. Não só o sentido dos sintomas é geralmente inconsciente, mas existe, entre estas inconsciências e a possibilidade da existência dos sintomas, uma relação de substituição recíproca. Não de compreender-me daqui a pouco. Afirma com Breuer o seguinte: todas as vezes que nos achamos ante um sintoma, devemos concluir pela existência no doente de certos processos inconscientes que contem precisamente o sentido desse sintoma. Mas também é necessário que esse sentido seja inconsciente para que o sintoma se produza. Os processos conscientes não geram sintomas neuróticos; por outro lado, desde que os processos inconscientes se tornem conscientes, os sintomas desaparecem. Aí tem os senhores um acesso à terapêutica, um meio de fazer desaparecer os sintomas.

Efetivamente, foi por esse meio que Breuer obteve a cura de uma doença histérica, ou seja, o desaparecimento de seus sintomas; encontrara uma técnica que lhe permitia trazer à consciência os processos inconscientes que ocultavam o sentido dos sintomas. Isto feito, obteve o desaparecimento destes (FREUD, 1900, p. 47-48).

Josef Breuer foi quem criou o processo chamado catarse, que consiste em tornar consciente os sintomas neuróticos que resultam de processos inconscientes. Na medida em que os processos inconscientes se tornam conscientes, os sintomas neuróticos desaparecem.

O próprio Pierre Janet, desde os seus primeiros estudos (1886-1889), comprovava a ação patogênica da lembrança perdida de acontecimentos ligados a emoções violentas. Estas observações acham-se relatadas no *Automatisme psychologique* (1889); a lembrança temática não pode ser repetida durante o estudo de sonambulismo; o tratamento consistia, quando as perturbações e as reticências do doente levavam a suspeitar algumas lacunas, em procurar saber se os sonhos, o sonambulismo, a escrita automática não traziam à luz lembranças ocultas. A dissociação da lembrança se devia, segundo Janet, a um processo puramente mecânico, a fraqueza psicológica, e não a um processo dinâmico de recalque.

Em resumo, a medicina psicológica, na década de 1880-1890, caracteriza-se pelos seguintes traços:

- 1º) Interesse pelas neuroses e, particularmente, pela histeria;
- 2º) Utilização da hipnose como meio de investigação;
- 3º) Descoberta da ação patogênica das lembranças inconscientes de acontecimentos traumáticos;
- 4º) Ações terapêuticas da hipnose, da sugestão e da catarse (LAGACHE, 1991, p. 11).

4 O INCONSCIENTE PARA PSICOLOGIA

Para a primeira Escola de Psicologia, o comportamentalismo de Wundt, os elementos de estudo eram a experiência consciente e o método era a introspecção. O esquema de Wundt era:

Objeto	Método	Objetivo
Experiência consciente	Introspecção	a) Analisar os processos conscientes.
		b) Como os elementos se organizam.
		c) Quais leis os organizam.

O inconsciente, para esta primeira escola da psicologia, que tinha como objeto de estudo a experiência consciente, não tinha importância.

4.1 SIGMUND FREUD (1856-1939 – Freiberg In Mahren/Áustria)

Freud era médico formado em Viena, e após formado era assistente de laboratório de fisiologia, sempre se interessou por pesquisa e estudo de anatomia do cérebro. Freud publica com vivo interesse, artigos relacionados com moléstias orgânicas do sistema nervoso.

Freud foi aluno de Charcot em Paris, onde se encontrou com o Dr. Pierre Janet, médico, fisiologista, responsável pelo hospital de insanos de Paris. O Dr. Janet usava a hipnose para curar a histeria em mulheres, e percebia nos histéricos uma ideia fixa inconsciente e com a hipnose tentava apagar ou substituí-la da consciência.

Para Freud, o mais importante no caso da histeria, era descobrir o inconsciente que depois gerava a ideia fixa. Freud se dá conta que o inconsciente é gerado por um trauma psíquico que o paciente com distúrbios mentais sofreu. O esquema é o seguinte, para Janet e Freud:

Dr. Janet:

Trauma físico → ideia fixa inconsciente → histeria

Dr. Freud:

Trauma psíquico → inconsciente → ideia fixa → histeria

ou emocional *doenças nervosas*

Freud percebe a associação que existe entre o inconsciente e a doença do paciente, e para ele bastaria a pessoa se conscientizar do trauma, para promover a cura.

Para Freud, seria o esquema assim: o recalque psíquico sofrido pelo paciente gera o inconsciente, que por sua vez, gera todo o estado psíquico debilitado do paciente. Para ele, com o método de associação de ideias, que consiste em fazer o doente se lembrar do trauma, levá-la à consciência e disso provém a cura do paciente. Freud enfrenta muitas dificuldades com seus pacientes, que tem dificuldades de expor suas ideias e muitas resistências.

O que é importante em Freud em relação ao inconsciente: O método associativo consiste em fazer com que uma ideia ou imagem que venha à consciência, evoque outra e assim até parar, ao que denomina de associações de ideias.

Freud percebeu que existe uma força que se opõe no paciente a fim de que estas ideias apareçam, a qual deu o nome de resistência.

Freud verifica a existência de pontos sensíveis, em torno dos quais “giram” certas associações, sem chegar a provocar uma evocação clara do conteúdo destes pontos; e estas associações – próximas de elementos dolorosos – o doente só as aceita e as comunica ao médico muito dificilmente. Há pois uma força que se opõe a que venham à tona certas recordações; força esta de que a “resistência” é uma das manifestações. Estas lembranças são mantidas fora da consciência por uma reação instintiva de afastamento. Freud declara então que elas são recalçadas. O eu se defende contra seu aparecimento consciente; é um mecanismo de defesa que se revela. Em virtude deste recalque, elas se recusam a reaparecer na consciência. Com esta noção, Freud descobre a chave de seu sistema: “Damos o nome de recalque ao processo que se nos manifesta por intermédio de uma resistência” (FILLON, 1961, p. 46).

O nome Psicanálise provém do método terapêutico que deve combinar a livre associação com a luta contra a resistência do paciente, que não quer expressar as ideias que lhe vem a mente. Só após quebrar a resistência é possível se obter a cura.

Freud, com a ideia de recalque, deduziu imediatamente uma explicação nova das neuroses, que marcham passo à passo a uma especificação particular do inconsciente. Freud acha que o recalque causa a formação da moléstia como resistência do doente, no curso do tratamento catártico.

1 - Os conflitos neuróticos – É preciso ter uma concepção dinâmica das neuroses e ver por detrás delas, um jogo de forças que, em um dado momento, se opuseram umas às outras e cujo conflito persistente se manifesta por sintomas. Segundo sua concepção, uma neurose origina-se assim: por ocasião de um acontecimento particular, cuja lembrança não tem sequer o direito de reaparecer na consciência, estabelece-se uma luta entre grandezas dinâmicas contraditórias, uma das quais se acha afastada pela outra do limiar da consciência. Certos elementos psicológicos que iriam traduzir-se em atos, em representações conscientes, por

exigências do psiquismo, com as quais elas se encontram em incompatibilidade, opuseram-se a esta subida para a consciência e provocaram seu recalque no inconsciente. Para Freud, as obsessões, fobias, angústias, sintomas histéricos, correspondem a uma incursão parcial do inconsciente no consciente.

2 - Os sonhos, mensagens do inconsciente – Em sua obra “A Ciência dos Sonhos”, de 1900, Freud afirma que a “correta interpretação dos sonhos é a estrada real que conduz ao conhecimento do inconsciente”.

Para Freud, o sonho é a realização disfarçada de uma desejo, ou ainda, o sonho representa a tentativa de realização de um desejo recalcado. Para ele, o motor dos sonhos é uma aspiração instintiva inconsciente.

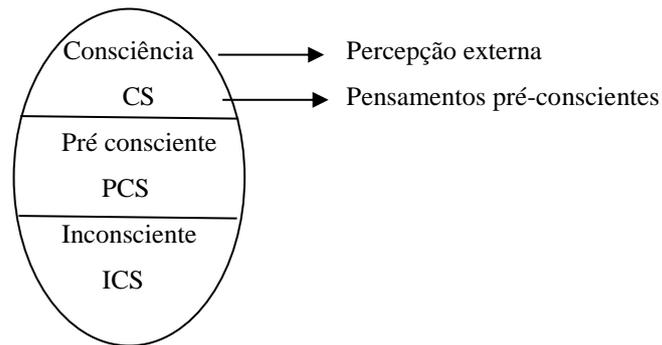
Pode-se falar aqui, da diferença na ótica de Freud de pré-consciente (o paciente pode ter acesso sozinho) e do inconsciente recalcado (acesso pela hipnose ou psicanálise).

Esta primeira explicação dos sintomas neuróticos pelo recalque e o inconsciente leva Freud a entender estas noções ao psiquismo normal, e o conduz, portanto, a passar da psicologia patológica para a psicologia normal, por meio da análise de sonhos. Ele percebe, com efeito, que no curso da análise os neuróticos tem tendência a contar seus sonhos, e que esses sonhos se acham em relação direta com os conflitos e os sintomas do enfermo. Não seriam, pois, os sonhos também manifestações do inconsciente? E o indivíduo chamado normal não teria, igualmente, fenômenos psíquicos no estado de recalque, traduzindo-se em seus sonhos? Freud logo admite que os sonhos tem, efetivamente, um sentido e são mensagens do inconsciente, que pedem para ser decifradas.

Os Aspectos Conscientes e Inconscientes da Personalidade. Em suas primeiras obras, Freud exprimiu a crença de que a vida psíquica consiste em duas partes, a consciente e a inconsciente. A parte consciente, qual a porção visível de um iceberg, é pequena e insignificante, representando somente um aspecto superficial da personalidade total. O vasto e poderoso inconsciente contém os instintos que são a força propulsora de todo o comportamento humano. Freud também postulou a existência de um pré-consciente ou anteciente. Ao contrário do material no inconsciente, o material pré-consciente não foi ativamente reprimido e pode ser trazido com facilidade à consciência. Por exemplo, se a sua mente se desviar das palavras desta página e você começar a pensar em alguma coisa que fez a noite passada, você estará trazendo material do pré-consciente à sua percepção consciente (JUNG, 1985, p. 47).

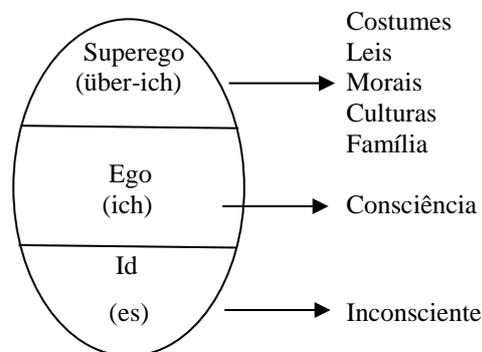
No primeiro tópico de Freud, ele divide a mente humana em três estágios:

- 1) Consciente: material perceptível pelo sujeito.
- 2) Pré-consciente: material possível de acessar a consciência.
- 3) Inconsciente: todo o material removido ou recalcado. Só é possível de conscientizar, para Freud, pelas catarse ou psicanálise.



APARATO PSÍQUICO NO 1ª TÓPICA DE FREUD

No segundo tópico, Freud reviu o aparato psíquico e introduziu as instâncias de id, ego e superego.



Para Freud, a posição do Ego no segundo tópico é muito difícil, ele é pressionado pelo Id para realizar as pulsões, onde precisa adiar os anseios do Id, perceber e manipular a realidade para aliviar as tensões das pulsões do Id e lidar com os anseios do Superego que quer a perfeição.

Para Freud, são manifestações do inconsciente os seguintes fatores:

- a) Sonhos, mensagens do inconsciente. Para Freud, a correta interpretação dos sonhos é a maneira de acessar o inconsciente. Para ele “o sonho é a realização de um desejo”.
- b) Chistes – piadas que fazem rir.
- c) Lapsos – manifestam-se quando esquecemos algo, trocamos nomes, não lembramos o que fomos fazer naquele lugar.

Freud, como aluno de Charcot em Paris, onde viu que o método deste médico tratar as histéricas, pela hipnose, revelava na histérica a existência de estruturas inconscientes. Sob o efeito da hipnose, os sintomas da histeria, como paralisias, dificuldades de andar, desapareciam. A hipnose mostrava resultados inconscientes como tratamento, uma vez que o paciente voltava a apresentar os sintomas após a hipnose.

Com Breuer, Freud aprende a catarse, que consiste, através do diálogo, em tornar consciente o trauma sofrido, e a partir daí os sintomas neuróticos desaparecem.

Para a primeira escola da psicologia moderna, comportamentalismo, o objeto de estudo era a consciência ou mente e o método era a introspecção.

O ambiente pré Freud na Europa, principalmente na Alemanha, em termos filosóficos, era contrário ao positivismo e ao racionalismo kantiano. Estas correntes filosóficas lançaram em toda a Europa a ideia de inconsciente.

A noção de inconsciente era parte integrante do *Zeitgeist* europeu da década de 1880, época em que Freud iniciava sua prática clínica. Além de ser do interesse dos profissionais, a ideia de inconsciente também era considerada um assunto da moda para as conversas em geral. Um livro chamado *Philosophy of the Unconscious (Filosofia do Inconsciente)*, de Hartmann, publicado em 1869, era tão popular que teve nove edições entre esse ano e 1882. Nos anos 1870, ao menos meia dúzia de outros livros publicados na Alemanha tinha a palavra *inconsciente* no título (SHULTZ, p. 326).

4.2 GEORG GRODDECK (1866-1934 - Bad Kösen/Alemanha)

Médico na cidade alemã de Baden Baden, na faculdade de medicina foi fortemente impostado pela figura de Ernst Schweningen, seu professor e importante médico da época, que propunha a tese de que o verdadeiro agente da cura num tratamento médico não é o profissional de saúde, mas sim o próprio organismo do doente. Era o filho caçula de 6 irmãos, seu pai também era médico.

Todo o organismo do doente ou de uma pessoa normal, Groddeck chama de Isso (em alemão das Es). Para Groddeck o Isso é a substância única que somos.

O “Isso” para o médico alemão é inconsciente.

Rene Destartes, pensava o homem como dividido em corpo/psique, Groddeck preferirá pensar no indivíduo como um Isso, que não é nem corpo nem psique, mas que se expressa psíquica e corporalmente. Ao desfazer a separação outrora arraigada, o autor agora pode tranquilamente pensar a doença física como tendo uma finalidade, uma significação, um propósito, pois ela já não seria um fenômeno apenas do corpo, que segue leis puramente mecânicas, mas um fenômeno do indivíduo como um todo, o qual não pode ser concebido sem finalidade e propósito.

Para muitos estudiosos, Freud no segundo tópico, o Id (es) foi desenvolvido a partir do “Isso” (das es) dos intercâmbios culturais que os dois mantinham pela troca de cartas, principalmente.

Cada um via o inconsciente de maneira diversa. Groddeck tem uma visão bem avançada em relação a Freud, que tem uma visão mais simplista.

Para Freud os dados da consciência são cheios de lacunas, tanto nas pessoas saudáveis quanto nas doentes ocorrem frequentemente atos psíquicos os quais, para seu esclarecimento, pressupõe outros atos, os quais a consciência não gerou. O inconsciente para Freud é uma hipótese “imprescindível e necessária”, frente à sua intenção de esclarecer os atos psíquicos que permanecem ocultos, mas que podem manifestar-se indiretamente como lacunas na consciência, ou como sonhos, parapraxias ou sintomas neuróticos.

Para Freud havia as duas instâncias: consciência e inconsciente.

Groddeck com a noção de Isso, vê a consciência e o inconsciente como uma totalidade do humano e que este seria vivido pelo Isso (inconsciente).

Para Groddeck o Isso abrange a vida inteira da pessoa e é essencialmente inconsciente. Para Freud a consciência é a ponta do *iceberg*, abarcando o inconsciente a quase totalidade da vida psíquica. Existe uma relação íntima e complexa entre as ideias de Freud e Groddeck sobre o inconsciente, mas são diversas.

O Isso de Groddeck é essencialmente inconsciente, e abrange toda vida. O corpo e a alma formam o Isso, que força o desenvolvimento do ser humano, que constrói o corpo e a alma, dota o ser humano de órgãos e funcionalidade.

Para Groddeck a consciência humana não é a posição central do existir ou do morrer, mas sim o inconsciente é o padrão através do Isso, sem que se possa encontrar uma linha clara de demarcação entre o consciente e o inconsciente.

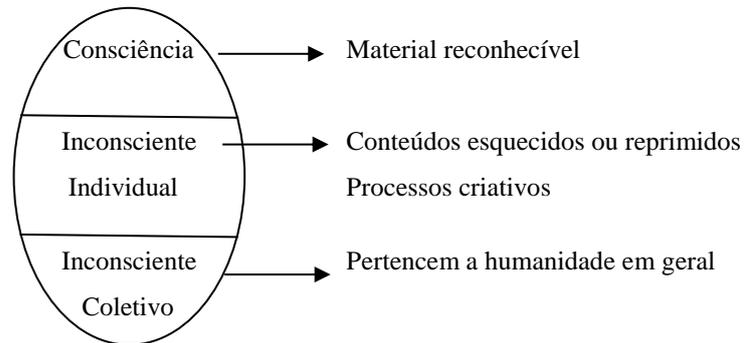
O “Isso” é um conceito que significa algo interno ao homem, mas anterior ao cérebro, que permite ao homem pensar, dando-lhe todas as capacidades físicas e psíquicas, o Isso é algo que comanda o homem em todos os seus atos e pensamentos. O “Isso” é anterior a consciência.

Para o médico Groddeck, a doença no homem, é criação do humano, algo que não é feito por vírus ou bactérias, mas sim pelo “Isso” em alemão quer dizer “das es”, de cada ser humano.

4.3 CARL G. JUNG (1875-1961 – Kesswil/Suíça)

Jung, após o desacordo com as teorias de Freud em 1914, desenvolveu a psicologia analítica e vê o inconsciente de maneira diferente de seu precursor. Freud se refere somente ao inconsciente individual, ao passo que Jung faz referência ao inconsciente coletivo.

Para Jung, o inconsciente se estrutura desta maneira:



Os processos inconscientes são dotados de uma natureza latente (oculta) e intangível.

Não é possível lidar diretamente, conscientemente com eles. Não os captamos de maneira imediata e se revelam a nós apenas através dos seus produtos, de onde inferimos que exista uma fonte produtora, não sabida da consciência. Esta fonte ou esfera da psique é denominada inconsciente.

Para Jung, apesar dos elementos inconscientes não serem diretamente observáveis, pode-se classificar seus produtos que atingem o domínio da consciência em duas categorias:

a) De origem pessoal

São conteúdos reprimidos ou esquecidos e dados da intuição, que pertencem exclusivamente aquela pessoa. Em outra pessoa, não se fazem presentes. É inteiramente composto de elementos pessoais.

b) De origem coletiva

Jung deu o nome de arquétipos. Arquétipo significa um “typos” = impressão, marca impressa. São caracteres arcaicos, mitológicos, que surgem em forma pura nos contos de fadas, nos mitos, nas lendas e no folclore. Os personagens mais conhecidos são a figura do herói, do redentor, do dragão (um herói vai vencer o dragão) etc.

4.4 INCONSCIENTE EM JACQUES LACAN (1901-1981 – Paris/França)

A ideia lacaniana de uma primazia da linguagem – e, portanto, do significante – repousa no dado primordial de que o indivíduo não aprende a falar, mas é instituído ou construído como sujeito pela linguagem. A criança, portanto, é sujeita logo de saída a uma ordem terceira, a ordem simbólica, cujo esteio original é a metáfora do Nome-do-Pai.

Por ser captada num universo significante, a criança começa a falar muito antes de saber conscientemente o que sua fala diz: A linguagem, portanto, aparece como a atividade subjetiva pela qual dizemos algo totalmente diferente do que acreditamos dizer naquilo que dizemos. Esse ‘algo totalmente diferente’ institui-se, fundamentalmente, como o inconsciente que escapa ao sujeito falante, por estar constitutivamente separado dele.

Em Lacan se pode ver, às vezes, que o inconsciente é a condição da linguagem, onde a criança aprende a linguagem sem saber o que a coisa é, e de outra forma, podemos ver o inconsciente como o discurso do outro, do significante. Inconsciente, linguagem, comportamento, constituem três momentos fundamentais na compreensão do homem, por onde deve necessariamente passar toda a reflexão. Toda linguagem articula-se como uma dialética de presença e ausência. O inconsciente é uma linguagem, segundo Lacan.

O inconsciente – diz Lacan – é esta parte do discurso concreto, enquanto transindividual, do qual o sujeito não pode dispor para restabelecer a continuidade do discurso consciente, ou – para continuar ainda na companhia de Lacan – o inconsciente é como o *capítulo em branco* ou distorcido da história da minha existência pessoal. E se é assim, é porque houve aí um trabalho de censura. Mas isto não para sempre. A verdade perdida pode ser de novo recuperada, porque se acha inscrita em mim, no universo do *meu corpo*, que tem (que é) uma linguagem, embora possa ser apenas a linguagem de um sintoma doentio; porque está inscrita igualmente nas lembranças da minha infância, no conteúdo do meu *vocabulário pessoal*, bem como no meu modo de ser e de me comportar. Mais ainda: porque sou um ser cultural, envolvido nas tramas de uma cultura da qual sou paciente antes de ser agente, esta verdade se inscreve também nas lendas e mitos incorporados à tradição, que sobrecarregam e carregam, de maneira simbólica e heroicizada, a minha história marcada por distorções e desvios que devo interpretar e reconduzir ao sentido. (NOGUEIRA, 1978, p. 29-30).

Para Lacan, o inconsciente é autônomo em relação ao Eu e para ele o registro da psicanálise deve se registrar, dar importância ao inconsciente. Este registro é o simbólico, é o campo da linguagem, do significante. Para Lacan, o significante ou símbolo ou grande outro é que determina o significado. O inconsciente é o discurso do outro, “o desejo é o desejo do outro (inconsciente)”.

Para Lacan, a ação da psicanálise situa-se então na fala, onde o inconsciente se manifesta através de:

- atos falhos;
- esquecimentos;
- chistes;
- relatos de sonhos, que para Lacan são formações do inconsciente.

4.5 DANIEL LAGACHE (1903-1972 - França)

Este autor, francês, acredita que a noção de conduta é essencial. O homem é uma unidade de ação, sempre ocupado em se conduzir e manifesta assim como uma perene corrente ou forma de conduta. Esta é uma mediação entre o indivíduo e o meio ambiente, e se define como um conjunto de operações materiais (comportamento) e mentais (experiência vivida).

Nesta conduta do homem, podem haver sintomas inconscientes que correspondem a um ajustamento dissociativo e a análise, com o método da psicanálise, a reintegração das significações dissociadas.

Para Lagache, o tratamento analítico permite à consciência entender melhor qual a conduta adequada para cada situação, em detrimento da prevalência do inconsciente, especialmente em função da transferência.

4.6 PSICOLOGIA COGNITIVA

Vê o inconsciente humano como uma não capacidade de percepção pela consciência da infinidade de cognições que estão ocorrendo no encéfalo humano e as quais a consciência não registra.

Para a psicologia cognitivista o nosso sistema visual sozinho processa 10 milhões de bits por segundo. Esse processamento é todo inconsciente. A nossa consciência tem capacidade de processar em média 50 bits por segundo.

Para a escola cognitivista, o inconsciente humano está baseado no processamento cerebral das informações que chegam ao cérebro e dos quais a consciência não se apercebe.



Fig. 1 - Metáfora do Iceberg utilizada por Freud para descrever o funcionamento mental, onde o processamento consciente é comparado à superfície visível e o processamento inconsciente equivale à maior parte oculta sob a superfície.

FONTE: Livro "O Novo Inconsciente", de Marco Callegaro, 2011, p. 27.

5 INCONSCIENTE NOS FENÔMENOS CULTURAIS

O antropólogo francês Claude Lévi–Strauss (1908-2009) é considerado o fundador da antropologia estruturalista.

Para este autor existe uma infra-estrutura inconsciente na mente humana, que exerce a esse nível, restrições internas, pré-construídas pela cultura social, e este inconsciente estrutura no humano os conteúdos da experiência sensível.

Esta infra-estrutura inconsciente, segundo Strauss, se origina da cultura e determina ao interno do indivíduo como serão seus sentimentos e emoções.

No planeta terra existem 3.000 culturas ou etnias diferentes e cada uma delas determina como o indivíduo pertencente àquela cultura, determina como ele pensa, evolui, se comporta etc.

Lacan, no seu discurso do inconsciente como linguagem, segue Strauss na afirmação acima, onde o significante é maior que o significado.

Exemplo de Lacan e Lévi Strauss: Na sociedade ocidental a paternidade (significante) é muito forte, uma vez que o filho (significado) na tribo indígena é apenas mais um membro da tribo que nem contato tem com o pai. É apenas um símbolo cultural para nós do mundo ocidental.

O racionalismo mecanicista que tem em René Descartes um grande expoente como pensador, determina a visão de mundo para o planeta terra até os dias de hoje, onde somos vistos como máquinas aos modos do relógio no século XVII, onde o corpo humano e a mente tinham os mesmos princípios mecanicistas.

Hoje somos vistos como a mente igual a um computador no sistema de processamento inconsciente, como exposto pela psicologia cognitiva.

Os psicólogos tomam como base as operações do computador para explicar o fenômeno cognitivo. Dizem que os computadores exibem uma inteligência artificial e normalmente são descritos de “forma humana”. A capacidade de armazenagem chama-se memória; os códigos de programação, linguagem, e as novas gerações de computadores, evoluções.

O funcionamento dos programas de computador, basicamente formados de conjuntos de instruções para o tratamento de símbolos, é semelhante ao da mente humana. Tanto o computador como a mente recebem do ambiente e processam grande quantidade de informações (estímulos sensoriais ou dados). Ambos compilam essas informações, manipulando, armazenando e recuperando os dados, atuando de várias maneiras. Desse modo, a programação do computador foi sugerida como base para a visão cognitiva humana do

processamento de informações, do raciocínio e da solução de problemas. É o programa (*software*) e não o computador em si (*hardware*) que serve como explicação para as operações da mente.

O percurso mecanicista que segue é um exemplo disto.

PERCURSO DO MECANICISMO RACIONALISTA		
Opositores	Corpo e Mente como Relógio 1600	Favoráveis
Artur Schopenhauer (1788-1860) Carl Gustav Carus (1789-1869) Eduard Von Hartmann (1842-1906) Henri Bergson (1859-1941)	<p style="text-align: center;">MECANICISMO: O homem visto como uma máquina (mente e corpo).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Privilegia a consciência. • Não se questiona a exatidão da consciência. 	René Descartes (1596-1650) - Racionalismo Immanuel Kant (1724-1804) - Idealismo transcendental Auguste Comte (1817-1824) - Positivismo John B. Watson (1878-1958) George Miller (1920) - Cognitivismo americano
	Computador 1980	- Psicologia Cognitivista

6 O INCONSCIENTE PARA ONTOPSICOLOGIA

O fundador da ciência ontopsicológica, Antonio Meneghetti², teve o grande mérito de realizar três descobertas que mudam a visão do inconsciente humano no planeta terra, e coloca luz sobre este grande enigma que há séculos chama a atenção dos estudiosos.

Para a ontopsicologia, é inconsciente no humano praticamente toda a realidade externa, que é composta pela realidade psíquica, superego social e superego materno, e também a realidade interna, constituída pelo Em Si ôntico (positivo), Monitor de Deflexão (distorce a percepção no humano) e estruturas complexuais.

O desconhecimento da existência do Monitor de Deflexão, interferente direto na reflexão especular eidética ao interno das células cerebrais, responsável pela geração do inconsciente no humano por impedir a percepção do Em Si ôntico (realidade interna) e o Campo Semântico (estrutura portante da realidade externa).

Tornar consciente o máximo possível é o operoso trabalho de construir bem a si mesmo, humildemente, dia após dia, num miricismo diário e contínuo.

“Em termos freudianos, para todo indivíduo é inconsciente o ID, quase todo o superego, parte do ego. O ego é consciente só em parte, consciência = coexiste, é conjunto. O meu perceber é conjunto ao meu ser” (MENEGETTI, p. 22, 2005).

Para Meneghetti, existem vários tipos de inconsciente:

1. inconsciente individual;
2. inconsciente coletivo;
3. inconsciente familiar;
4. inconsciente racial.

6.1 INCONSCIENTE E O EM SI ÔNTICO

O humano no planeta terra não percebe o Em Si ôntico devido a atividade constante do monitor de deflexão³. O Monitor de Deflexão já faz parte dos nossos reflexos neurônicos e por esta razão não é possível eliminá-lo completamente. É possível isolar o monitor de

² Doutorado Clássico em Teologia junto à Universidade Lateranense de Roma; Doutorado Clássico em Filosofia e Doutorado Clássico em Ciências O Sociais junto à Universidade Internacional S. Tomas de Aquino, em Roma; láurea em Filosofia com abordagem psicológica junto à Universidade Sacro Cuore de Milão, láurea *honoris causa* em Física pela descoberta do Campo Semântico. professor Meneghetti é o cientista que coloca uma visão completamente nova e parâmetros não conhecidos pela ciência até então sobre o tema inconsciente. Com as três descobertas feitas por ele em clínica de psicoterapia. Sendo elas por cronologia de tempo: campo semântico, monitor de deflexão e Em Si ôntico.

³ O primeiro efeito do monitor de deflexão é a subtração de consciência do Em Si, por isso o homem torna-se inconsciente a si mesmo (Manual de Ontopsicologia, p. 204).

deflexão, através de um longo tirocínio individual, de prestar atenção nas percepções organísmicas, nas pulsões do Em Si ôntico, tornando estas percepções racionais e dando a elas credibilidade.

“Para isolar a ação do monitor de deflexão é preciso, então, recuperar a exatidão da percepção organísmica” (MENEGHETTI, 2004, p. 205).

O cérebro visceral está isento do monitor de deflexão na reflexão eidética e se comunica direto com o córtex cerebral através do nervo vago. É um longo caminho de psicoterapia de autenticação, segundo Meneghetti.

O Em Si ôntico, é um conteúdo inconsciente interno ao humano, que pode ser chamado também de espírito ou alma humana. Meneghetti define Em Si ôntico como: “Princípio formal, inteligente, que faz autóctise histórica” (2004, p. 159).

Com a primeira parte “É um princípio” significa que o Em Si ôntico é um formalizado que também formaliza, é um passivo que também é ativo. “Formal” significa que é de um certo modo, tem um *design*, é especificado para uma função. “Inteligente”: está em condições de evidenciar o íntimo que é.

“Que faz autóctise histórica”. É o ser, o divino, que faz fenomenologia. É o momento da criação (MENEGHETTI, p. 159-160).

O projeto de natureza, que cada pessoa deve executar no percurso da existência terra está contido no Em Si ôntico, e é o grande conteúdo inconsciente interno, ao qual a consciência não tem acesso, por estar impedida pela constante atividade do monitor de deflexão.

Executamos na existência vários estereótipos: de papéis sociais, atividades profissionais, como no gráfico abaixo, sem nos deter realmente como a natureza nos fez.

<p>ESTERIÓTIPOS*</p> <p>PAPÉIS DO SUPEREGO SOCIAL E MATERNO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • marido/esposa • pai/mãe • tio/tia • padrinho(a) • agressividade • amigo(a) • sexo • amante • piedade social • cuidar da mãe • dona de casa
---	--

* Esteriótipo: comportamento caracterial aprendido do externo.

Não existe a cultura de se saber qual o projeto que a natureza fez em nós. O que realmente devemos fazer, onde devemos morar, com que pessoas conviver etc., para sermos felizes e realizados nesta existência.

Existe um superego social e materno que define os papéis que cada um vai executar na existência, que se antecipa a consciência. Este talvez seja o maior conteúdo inconsciente que cada um de nós é portador.

O inconsciente é o que existe de mais essencial no humano, o Em Si ôntico é o condensado do divino em cada criatura.

Compreendido o Em Si Ôntico, que é inconsciente no humano no planeta terra, é uma graciosa criança, e se não entendido pela consciência torna-se um monstro.

6.2 INCONSCIENTE RELACIONAL – CAMPO SEMÂNTICO

Definição de Meneghetti: “Comunicação base que a vida usa ao interno das próprias individualizações”.

O campo semântico é a linguagem que a natureza utiliza entre as suas individualizações antes de todos os outros sentidos, antes das emoções, antes de toda a consciência. O campo semântico é um transdutor de informação, sem passagem de energia, dá a forma de passagem à energia, mas não transfere a energia.

No gráfico abaixo, as comunicações cinésicas (gestos), proxêmicas e linguísticas são em grande parte conscientes ou possível de conscientizar. O campo semântico é completamente inconsciente, mas ocorre e transfere informações.

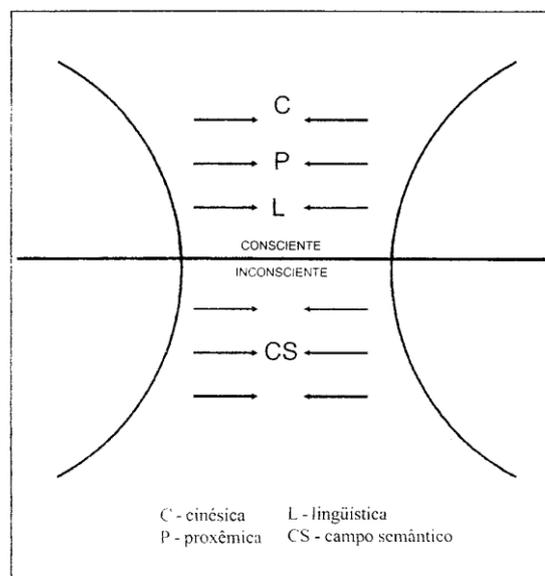


Figura 2 – “O universo comunicativo do homem”

FONTE: Campo Semântico, 2005, 3ª ed., p. 36.

Sintetizando as análises desenvolvidas até o momento em qualquer parâmetro, toda a pesquisa cultural pode ser reduzida a este espaço: C.P.L. (fig. 2).

Os dois parênteses constituem o momento de interceptação de dois campos, dois contextos, dois dialogantes. As pessoas – que são efetivamente dois universos, cada um com própria semântica e própria linguagem – estabelecem uma recíproca interação.

Pelo gráfico se percebe que o campo semântico faz parte do inconsciente humano. Isto quer dizer que o homem não percebe nada desta informação que está ocorrendo entre as duas pessoas. O campo semântico pode ser positivo ou negativo, depende o que ocasiona no passivo. A dificuldade para nós humanos é perceber esta comunicação semântica.

O homem, até Meneghetti, era visto e analisado como uma ilha, de maneira isolada, não se percebia ser ele um ponto relacional de tantas outras relações. Somos um conjunto relacional de todas as relações que ocorrem no universo, entre os seres humanos e com outras formas de vida.

A descoberta do campo semântico abre dois grandes inconscientes para nós = (não chega a nossa consciência):

a) REALIDADE PSÍQUICA

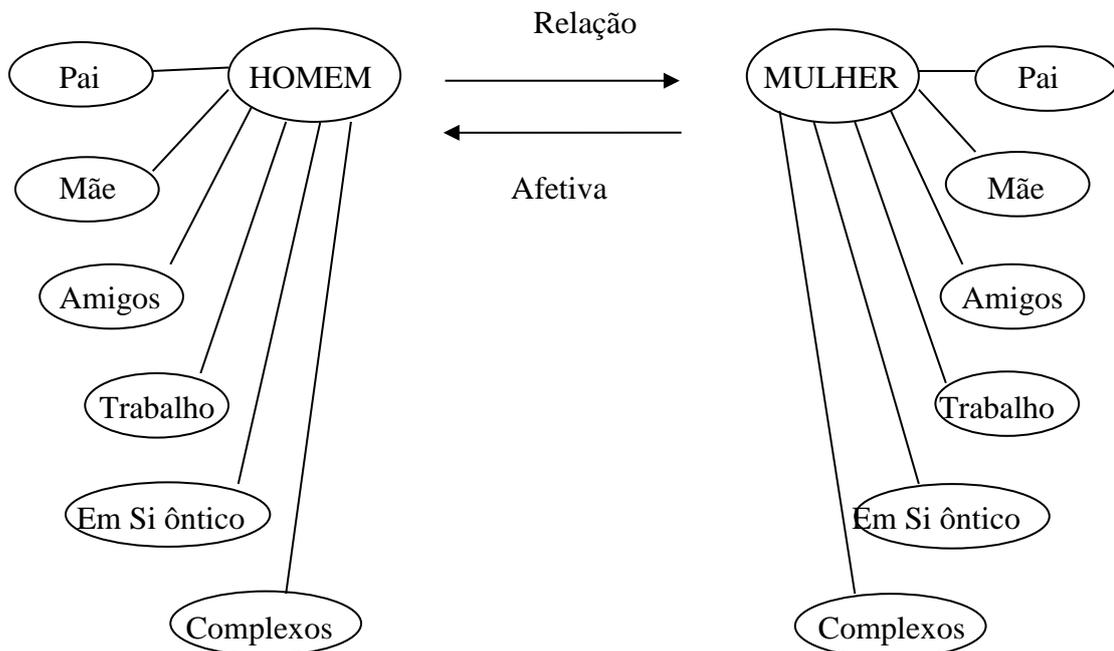
Definição: “realidade psíquica, cientificamente a entendo como aquele dado real ou evento que, através do campo psíquico, estrutura os modelos ou critérios de evidência de toda a realidade humana e exterior”(MENEGHETTI, 2005, p. 20).

É realidade psíquica que nos coloca todos os viventes e não viventes em comunhão de informação através dos campos semânticos. Cometemos o erro de nos colocarmos em um além da realidade psíquica com a nossa consciência e desta maneira nos apartamos, nos cindimos do real. Quando assim procedemos, a nossa consciência se abastece das memórias gravadas na região do hipotálamo para decidir, e não capta as informações do aqui, assim e agora que advém do ambiente. São memórias de ações que serviram no passado, mas no presente não são úteis nem funcionais. Cada um de nós não é uma ilha isolada, estamos junto com os outros, todos colocados em um contínuo informático.

A realidade psíquica, que nos é inconsciente, nos mantém todos em comunhão e em relação. Não somos ilhas, mas a nossa consciência não se percebe desta comunicação semântica da natureza. Cada humano é fruto de infindáveis relações atuais e anteriores, que a consciência não percebe, não consegue processar.

b) INCONSCIENTE RELACIONAL

Não se sabe ou é inconsciente que na relação entre duas pessoas, uma transfere informações para a outra, que determinam o comportamento, as atitudes de quem recebe. Na relação afetiva, um homem e uma mulher se alteram pelas informações recebidas um do outro. Nas relações de trabalho um funcionário, por campo semântico, pode interferir na dinâmica da empresa.



Quando um homem e uma mulher vão se relacionar se veem como uma ilha, isolados, vão constituir uma nova família, uma relação afetiva, e não levam em conta toda esta situação relacional que existe em cada um, a qual pode alterar o outro para o bem ou para o mal.

Podemos citar um exemplo: no mundo ocidental, o matrimônio é um ponto de chegada. Na verdade os dois noivos estão cercados de um mundo inconsciente, do qual não se apercebem, e que trocará informações entre si, de maneira intermitente, e determinará relações positivas ou negativas. Em cada ser humano existe a intencionalidade do Em Si ôntico, a intencionalidade do Complexo, a intencionalidade Social Familiar do Eu Lógico Histórico. E o que são estas intencionalidades? São direções que estão dentro das ações, dos pensamentos, etc. e que vão produzir matéria.

6.3 O MONITOR DE DEFLEXÃO

Definição: “O monitor de deflexão é um programa acumulado ao interno das células cerebrais que age com interferência especular, antecipando e defletindo a percepção egoceptiva sobre a base de uma imagem dominante impressa durante o momento de aprendizagem da vida: a infância” (MENEGETTI, 2001, p. 110).

A descoberta do monitor de deflexão, traz a novidade para a ciência de que o inconsciente se origina devido a um mecanismo externo que não permite o acesso ao humano da consciência perceber toda a realidade externa e interna. Este mecanismo não altera a rede neurofisiológica (os neurônios, as sinapses, os neurotransmissores), mas deforma a informação no momento em que a egoceptividade se torna consciência.

O erro provocado pela atividade do Monitor de Deflexão altera a informação da realidade interna e externa no momento que esta vai tornar consciente. O primeiro efeito do Monitor de Deflexão é a subtração da consciência do Em Si ôntico, por isso o homem torna-se inconsciente a si mesmo.

Devido a constante atividade do monitor de deflexão, o humano não tem possibilidade de acessar toda a sua verdade, toda a sua realidade, uma vez que ele deforma a informação que chega a consciência, baseado numa memória do passado. O organismo recebe todas as informações proprioceptivas de maneira correta, mas no momento da egoceptividade, o monitor de deflexão modifica a imagem, e a consciência não registra a realidade e sim a informação filtrada por uma memória armazenada na infância (matriz reflexa).

A atividade constante do monitor de deflexão gera a estrutura inconsciente no humano, porque a informação não chega toda a consciência e muitas vezes chega modificada.

De fato, os fatores anômalos que formam a estruturas inconscientes e obscurecem o eu consciente são: a) os estereótipos do racional histórico-familiar e do racional histórico-socioambiental; b) os complexos; e c) o monitor de deflexão. Esses três fatores desvirtuam e desviam o conhecimento autêntico do homem (VIDOR, p. 67, 2013)

6.3.1 Efeitos do Monitor de Deflexão

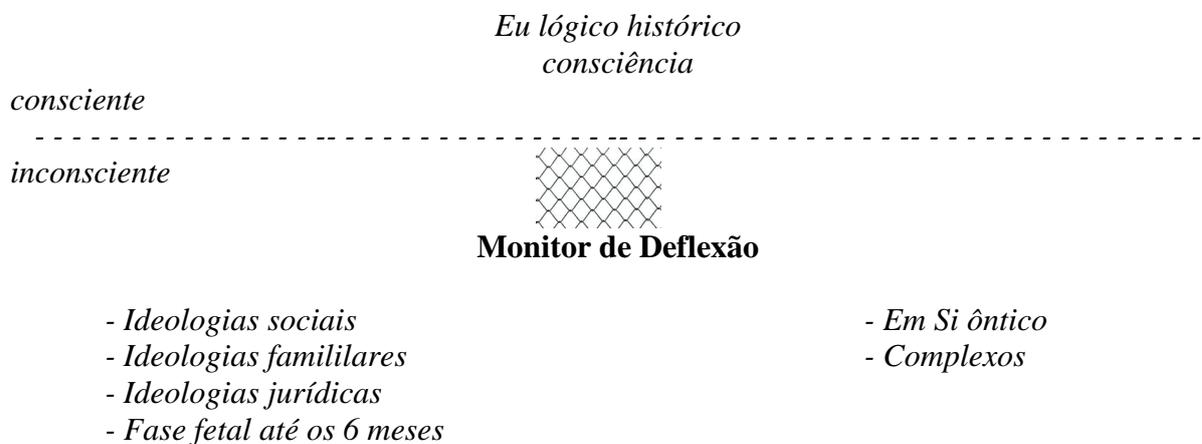
É Meneghetti quem aponta o erro de consciência pela primeira vez e sinaliza a causa da consciência humana não perceber toda a realidade interna e externa do ser humano, a existência de um mecanismo especular ao interno das células cerebrais, que altera a informação, sem modificar a rede fisiológica, os neurônios, os glíocitos e as sinapses. Meneghetti chama este mecanismo de Monitor de Deflexão, sendo a sua segunda descoberta.

É este mecanismo que gera todo o inconsciente humano, porque não permite que o ser humano perceba mais que 10 a 20% de sua realidade interna e externa.

A atividade do monitor de deflexão na psique humana, gera o inconsciente em função de não permitir que a realidade interna e externa seja percebida pela consciência.

Para a Ontopsicologia “é inconsciente todo o Id, onde estão os complexos, o Em si ôntico e o Monitor de Deflexão, quase todo o Superego e parte do Ego” (MENEGHETTI, 2005, p. 22).

Quase todo o Superego Social e Superego Materno. A Ontopsicologia entende “o Superego de maneira mais aprofundada do que Freud entendia. Para a Ontopsicologia o Superego é a realidade sempre em antecipação ao eu, quando o humano se torna consciente, o Superego já agiu em antecipação a consciência. É o Superego que define quase toda a consciência. O Superego é uma estrutura complexa pertencente ao grupo familiar e social onde o indivíduo nasceu, e é regido pelas concepções ideológicas, jurídicas e patológicas do social. O organismo humano, para poder sobreviver, deve assimilar todo o Superego (social e materno), sob pena de ser eliminado fisicamente pela estrutura familiar e social” (MENEGHETTI, 2005, p. 48).



A consciência tende a se abastecer da memória gravada do passado. O nosso cérebro da caixa craniana está viciado neste sistema e o erro é provável de ocorrer. Decido baseado em uma memória e não no frescor da realidade atual. O nosso cérebro cerebral em função das memórias inconscientes do passado e superego materno, não tem condições de perceber a realidade.

As memórias são introjetadas a partir da cultura do superego social e do superego materno.

DISCUSSÃO E/OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença do inconsciente no humano sempre despertou muita curiosidade científica. Até Antônio Meneghetti nenhum cientista apontou a verdadeira causa da existência do mesmo.

A consciência, até Meneghetti, era sempre considerada exata e o inconsciente algo tenebroso em Freud, metafísico para os filósofos, para a medicina, mecanicista. Meneghetti, com suas descobertas, posiciona diferentemente, considerada o erro na consciência e o inconsciente a parte mais positiva, apenas não percebida pelo vivente, em função da atividade constante do monitor de deflexão.

Nenhum cientista tinha se dado conta até hoje que o erro de consciência do pesquisador está presente no professor, no cientista, no empresário etc. , causando erros de interpretação da realidade interna e externa e, com isso, tomando decisões não acertadas.

O profundo conhecimento da ciência ontopsicológica do inconsciente humano, em seus aspectos positivos e negativos, a descoberta do alterador da reflexão, chamado monitor de deflexão, bem como as outras duas descobertas, habilitam esta ciência a ser a base, o fundamento para todas as ciências do homem. O conhecimento profundo do inconsciente humano, desvelado por Meneghetti, é o caminho para resolver o humano no planeta terra. A ontopsicologia é a base para qualquer outra ciência; deve ser ensinada em todos os colégios e em todas universidades.

CONCLUSÃO

Em cada escola temos a ressaltar o seguinte:

A) INCONSCIENTE PARA OS FILÓSOFOS

Consideravam o inconsciente como algo metafísico, divino, presente em tudo que é fenômeno, mas algo desconhecido para nós. Bergson, que chama muito a atenção por ter visto a intuição como algo extraordinário e inconsciente no humano.

Para Bergson, a intuição é uma forma de conhecimento que penetra no interior do objeto de modo imediato, isto é, sem o ato de analisar e traduzir.

A análise é o recorte da realidade, mediação entre sujeito e objeto. A tradução é a composição de símbolos linguísticos ou numéricos que, analogamente a primeira, também servem de mediadores. Ambas são meios falhos e artificiais de acesso à realidade. Somente a intuição pode garantir uma coincidência imediata com o real sem o uso de símbolos nem das repartições analíticas.

A intuição pode ser entendida, portanto, como uma experiência metafísica.

Intuição, significa para Bergson, apreensão imediata da realidade por coincidência com o objeto. Em outras palavras, é a realidade sentida e compreendida absolutamente de modo direto, sem utilizar as ferramentas lógicas do entendimento: a análise e a tradução.

B) INCONSCIENTE PARA OS MÉDICOS

A hipnose foi tentada pela medicina, mas como os resultados eram inconsistentes, se partiu para o desenvolvimento de drogas e medicamentos para atacar as doenças mentais. Persiste até hoje o uso de medicação para distúrbios mentais.

Percebiam o inconsciente como presente nos doentes que apresentavam histeria e neuroses. Tinham uma visão fisiológica e mecanicista. Esta visão mecanicista do inconsciente, levou a indústria química a pesquisar muitos medicamentos para as doenças mentais. Para os médicos, o inconsciente era gerado por um trauma físico.

C) INCONSCIENTE PARA A PSICOLOGIA

As várias escolas de Psicologia têm uma visão diferente do inconsciente. A psicanálise de Freud foi a escola que se deteve no estudo da dinâmica inconsciente com a visão freudiana de:

Trauma → recalque ou remoção → inconsciente

Para Freud, o trauma é causado pela repressão imposta pelo superego ao id, que vê suas pulsões sendo inibidas. Para ele, o trauma tem fundo emocional.

Até Freud, pode-se dizer que o inconsciente era visto como o inverso da consciência. Para Freud eram dois sistemas bem distintos com funções diferentes. A partir de então seria preciso conceber, ao lado do consciente, dois tipos de inconsciente, ambos inconsciente no sentido descritivo, porém muito diferentes quanto a sua dinâmica e quanto ao futuro de seus conteúdos: os do inconsciente propriamente dito nunca poderiam chegar à consciência, ao passo que os conteúdos do outro, por isso denominado de pré-consciente, podiam atingi-la sob certas condições, em especial após o controle de uma espécie de censura.

Para a psicologia cognitivista, o inconsciente é o processamento das informações sem que passe pela consciência este fato. Uma visão mecanicista.

D) INCONSCIENTE PARA ANTROPOLOGIA

A antropologia vê as 3.000 culturas e etnias diferentes da raça humana como inconsciente e sem apontar de onde nascem tantas informações diversas.

Lévi Strauss, é um convencido de que a ciência social não se constrói a partir da realidade, mas sim a partir de uma ordem inconsciente cultural.

Seus estudos de antropologia estão fundamentados em:

- a) Abandonar os fenômenos conscientes;
- b) Estudo da infraestrutura inconsciente;
- c) Objeto de análise: as relações entre si, não o objeto;
- d) A formação de sistemas a partir das relações.

E) INCONSCIENTE PARA ONTOPSICOLOGIA

A ontopsicologia aponta o gerador do inconsciente, o monitor de deflexão, e sinaliza que o inconsciente, uma vez sabido pela consciência, se torna a fonte de prazer e realização. Para a Ontopsicologia é inconsciente: o Monitor de Deflexão, o Em Si Ôntico e o Campo Semântico.

- 1 – A Ontopsicologia descobriu a causa da existência de conteúdos inconscientes;
- 2 – A Ontopsicologia é a base para as outras ciências (epistêmica) porque as três descobertas permitem identificar a origem do inconsciente na psique humana;
- 3 – A Ontopsicologia representa um avanço determinante na compreensão do humano e por consequência naquilo que se refere a realidade do inconsciente.

Para o fundador da Ontopsicologia, a latência (oculto) sempre se antecipa a consciência. O caminho para o humano é elucidar o inconsciente e tornar este consciente. Meneghetti deixou um método para como proceder neste sentido. Basicamente trata-se da psicoterapia em seus vários aspectos e a percepção viscerotônica. Nós agimos de modo inconsciente porque somos colocados num conjunto social, onde a operatividade do inconsciente entre si e por si não é perceptível.

REFERÊNCIAS

CALEGARO, Marcos Montarroyos. **O Novo Inconsciente**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FILLOUX, Jean. **O Inconsciente**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

FREUD, Sigmund. Tradução Dr. Elias Davidovich. **Introdução à Psicanálise**. Obras Completas de Sigmund Freud, volume XIII. Rio de Janeiro: Editora Delta S/A.

LAGUACHE, Daniel. **A Psicanálise**. Tradução do Dr. Nelson Leon. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S/A., 1991.

JUNG, C.G. **Fundamentos de Psicologia Analítica**. Tradução de Araceli Elman. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

MENEGHETTI, Antonio. **Ontopsicologia Clínica**. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editrice, 2005.

_____. **A Feminilidade como Sexo, Poder, Graça**. Recanto Maestro: Editora Universitária, 2013

_____. **Em Si do Homem**. 5ª ed. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editrice, 2004.

_____. **Campo Semântico**. 3ª ed. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editrice, 2005.

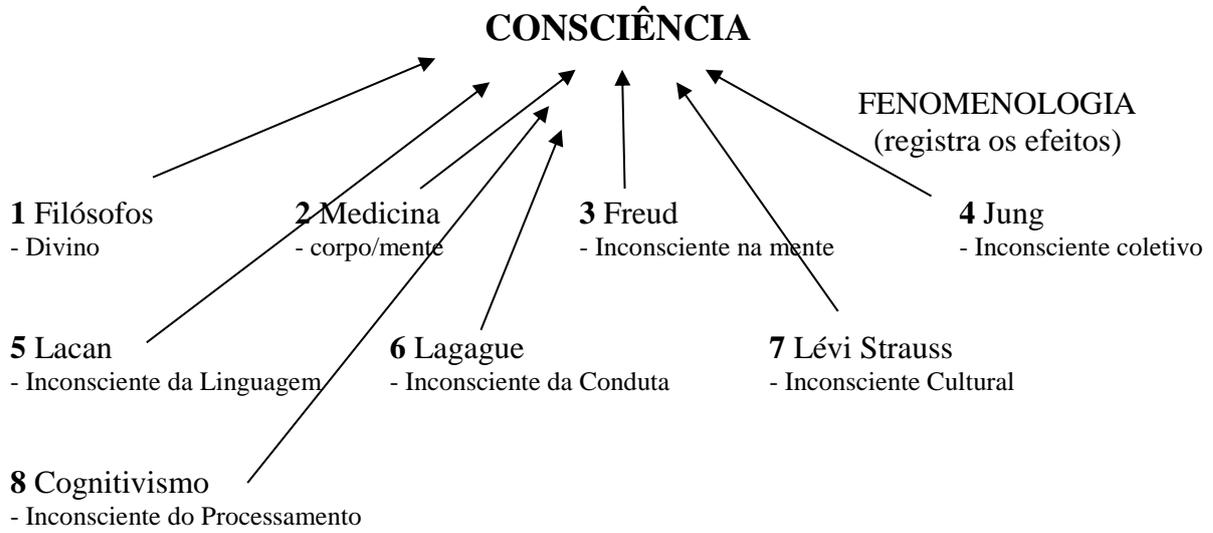
NOGUEIRA, João Carlos. **O Inconsciente e a Linguagem na Compreensão do Homem**. São Paulo: Editora Cortez & Moraes Ltda., 1978.

SCHULTZ, Duane; SHULTZ, Sydney Ellen. **História da Psicologia Moderna**. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 7ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1981.

VIDOR, Alécio. **Fenomenologia e Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Editora Universitária, 2013.

ANEXOS

ORGANOGRAMA DAS PERCEPÇÕES



BASE

**ONTOPSICOLOGIA
DESCOBERTAS**

- 1 CAMPO SEMÂNTICO**
- Realidade Psíquica
- 2 M.D.D.**
- Deformador da Reflexão na Consciência
- 3 EM SI ÔNTICO**
- O ser presente no homem
Mente que constitui o corpo

A Ontopsicologia é a base para as outras ciências porque aponta a origem dos conteúdos inconscientes.

